

INTERFACES ENTRE ECOLINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA INTERACIONAL

Genis Frederico Schmaltz Neto (UnB/Nelim/CNPq)

R e s u m o : Este artigo discute as possibilidades de uma interface teórica e metodológica entre a Ecolinguística praticada no Brasil e a Sociolinguística Interacional. Para isso, usa como dado uma transcrição de interações que aconteceram na comunidade brasiliense Vale do Amanhecer no ano de 2016. Seu objetivo é evidenciar a relação próxima existente entre ambos os domínios do saber e aproximá-los em uma aplicação prática, ora contrapondo o que apresentam como categorias de análise, ora aproximando-o.

P a l a v r a s - c h a v e : ecolinguística; sociolinguística interacional; interface teórica.

A b s t r a c t : This paper discusses the possibilities of a theoretical and methodological interface between the kind of Ecolinguistics practiced in Brazil and Interactional Sociolinguistics. To do so, it uses as a transcription of interactions that took place in the Brazilian community Vale do Amanhecer in the year 2016. Its objective is to highlight the profitable relationship between both domains of knowledge and to approach them in a practical application, sometimes contradicting what is presented as categories of analysis, sometimes merging them.

Key words : Ecolinguistics; Interactional Sociolinguistics; theoretical interface.

O mundo deles é quadrado, eles moram em casas que parecem caixas, trabalham dentro de outras caixas e para irem de uma caixa à outra, entram em caixas que andam. Eles veem tudo separado porque são o Povo das Caixas.

- Pajé Kaingang

1. Língua e ecologia, língua e sociedade

A Ecolinguística é uma disciplina da linguística que teve suas bases lançadas por Ernest Haugen em 1972, com a publicação de *The ecology of language*. Seu objetivo era estudar “as relações entre uma língua qualquer e seu meio ambiente” (1972, p. 325). O uso do termo meio ambiente (MA) já indicava que a proposta era de uma inovação para a época,

apesar de E. Sapir (1888–1939) ter sido o primeiro linguista a mencioná-lo, considerando, entretanto, apenas seu aspecto físico.

A abordagem de uma definição de língua que apontava para uma perspectiva biológica encarando-a como organismo vivo deu abertura para que diversos modelos e escolas teóricas interessadas se desenvolvessem, já que, apesar de “o meio ambiente da língua ser a sociedade que a usa” (Haugen 1972, p. 329), pouco tinha sido dito sobre como se procederia em uma análise desse porte e como se dariam suas reflexões.

O congolês-americano Mufwene (2001), por exemplo, passou a encarar a língua como parasita da população. O norte-americano Makkai (2015) propôs a gramática pragmo-ecológica. Bastardas i Boada (2002) propôs o conceito de linguodiversidade. No Brasil, Hildo desenvolveu a linguística ecossistêmica (COUTO, 2007).

O termo “ecossistêmico” é uma referência direta ao conceito de ecossistema. O foco brasileiro, portanto, está em analisar ecossistemas linguísticos, conceito construído a partir de uma língua (L) que só existe se houver uma população (P) que a tenha formado e que a use, convivendo em determinado território (T) (COUTO, 2013b, p. 16). Dessa forma, busca-se na sociedade que fala uma língua, um **meio ambiente** da língua; isto é, o *locus* as inter-relações verbais que se dão entre falantes que habitam em um mesmo território (COUTOb, 2013, p. 82). Por isso a proposta é

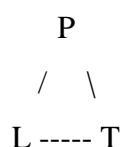


Figura 01. Representação dos elementos do ecossistema linguístico (COUTO, 2007, p. 91).

Cada um desses elementos poderia ser estudado de maneira isolada, mas todos estão inter-relacionados. Sua dinâmica considerará que, à primeira vista, para haver interação, é necessária a presença de, no mínimo, dois falantes. Ao interagirem, ambos constroem e participam de um fluxo interacional. O objetivo central de um estudo ecolinguístico brasileiro, portanto, repousa em compreender como os diversos falantes em seus fluxos interacionais infinitos constroem o ecossistema em que se encontram. Dessa forma, sua metodologia consiste na coleta e na análise inicial dos dados segundo as teorias linguísticas tradicionais para, a partir daí, fazer-se uma nova interpretação deles, verificando as inter-relações entre os elementos de L, P e T, de somente uma dessas

categorias (as relações dentro de L, ou somente dentro de P, ou somente dentro de T), entre outros temas (ALBUQUERQUE, 2014 p. 72).

Tão jovem quanto os estudos ecolinguísticos, a Sociolinguística se iniciou com os estudos de W. Labov, em 1963, sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard (TARALLO, 1985, p. 07). Seu objetivo como disciplina ou ramo da Linguística é correlacionar aspectos linguísticos e sociais em análises de uso da língua por falantes em suas diversas comunidades (MOLLICA, 2003, p. 10). O foco repousa sobre o estudo da heterogeneidade e dinamismo das línguas. Por isso, dá abertura para diferentes correntes metodológicas, como a vertente qualitativa e quantitativa. A que nos interessa, no entanto, é a Sociolinguística Interacional.

De caráter interdisciplinar, uma vez que considera tanto as perspectivas da linguagem quanto as da Sociologia e Antropologia, a abordagem da Sociolinguística Interacional propõe observar e analisar como a fala tende a ser interpretada segundo variações diversas de comportamento linguístico e paralinguísticos humanos. Intencionalidade, interpretação e significado social, portanto, constituem o tripé de palavras-chave para seu desenvolvimento (FIGUEROA, 1994).

Nomes como Goffman (1998), que observa a vida social por meio da linguagem e como ela funciona na construção do significado, juntamente de Gumperz (1972), para quem cultura, sociedade e indivíduo são essenciais para abordar a diversidade linguística e cultural na comunicação, figuram entre os pilares teóricos. Somados a eles, ainda encontramos os estudos de Hymes (1972) e os postulados conversacionais de Grice (1975). A metodologia, diante dessas nuances, consiste em analisar eventos de fala utilizando essencialmente as técnicas de transcrição da análise conversacional.

Os falantes não são considerados emissores isolados de uma mensagem, mas vistos como construtores de sentidos que se referem não só à mensagem, mas também à meta-mensagem (Tannen; Wallat, 2002). De forma resumida, podemos afirmar que a Sociolinguística Interacional busca compreender a complexidade dos processos de construção de significados nas interações face a face.

O que se nota diante da breve exposição de ambas as bases teóricas é uma tendência não engessada de encarar a linguagem. Além disso, uma postura que entende a língua não como meio de comunicação, mas como sendo a própria interação, isto é, a troca entre falantes em seus contextos sócio-históricos e discursivos, compreendendo suas

heterogeneidades. É a possibilidade de abertura de ambas as teorias que enriquecem a proposta deste texto.

Apesar de as vertentes qualitativas e quantitativas da Sociolinguística serem constantemente abordadas por estudiosos nos últimos anos, a Sociolinguística Interacional possui conceitos chave – como a noção de pistas conceituais de Gumperz e a noção de face de Goffman – que ainda não se desdobraram em discussões cujo cerne esteja em uma perspectiva prioritariamente ecolinguística, logo, ecológica. É o que se propõe no tópico 2. Não se deve confundir os estudos da Análise da Conversação, principalmente aquela de Marcuschi, com a apropriação metodológica que a Sociolinguística Interacional proporciona com a abordagem desta teoria.

É por isso que, no tópico 3, tem-se uma amostra da possível aplicação teórica da interface em questão, elegendo-se a comunidade religiosa sincrética Vale do Amanhecer situada em Brasília. De maneira específica, faz-se análise de uma transcrição de diálogo ocorrida em abril de 2016. O objetivo deste texto, no entanto, não está em esgotar as reflexões sobre os dados gerados na comunidade, mas demonstrar que uma abordagem de interface Ecolinguística entre Sociolinguística Interacional pode ser eficaz. Por fim, no tópico 4, tecem-se as considerações finais.

2. Interfaces e/ou confluências

A Linguística Ecolinguística considera que a interação em andamento ou fluxo interacional pode acontecer entre o organismo e o mundo e entre o organismo com o outro. Esses processos recebem, respectivamente, os nomes de significação e comunicação. Ambos se dão a partir das experiências pessoais, sensoriais, sociais, mentais. Logo, quando os falantes estão interagindo, ambos alcançam níveis de intensidade: ora se é falante, ora ouvinte. O falante, comumente grafado como F, equivale ao EU; o ouvinte, grafado como O, ao TU. F e O se alternam, sem qualquer previsão de qual deles encerrará o assunto ou o transgredirá (COUTO, 2012, 2013, 2015).

Uma vez que a Sociolinguística Interacional concebe a linguagem como ação estratégica e o uso linguístico constrói um espaço modelado por aqueles que interagem, ou interagentes, é inadmissível designar o termo “falante” àquele que tem o turno de fala durante a interação porque se tem a impressão de que este é um papel estático, mecânico e não social. Por isso, prefere-se o uso de “atores sociais” para evidenciar que aqueles que falam se esforçam para se apropriar de identidades e papéis discursivos.

ECO-REBEL

Em contrapartida, no uso da terminologia por Couto se trata de uma facilidade teórico-metodológica e não reflete a complexidade do conceito, já que o falante é visto dentro das relações da tríade P-L-T. O elemento L, por exemplo, não equivale apenas à língua, mas a todas as linguagens utilizadas por falantes. A representação triádica considera L como linguagem por excelência, mas a escrita, a sinestesia, a paralinguística e demais podem ser L₁, L₂, L₃ e L₄, respectivamente (COUTO, 2007, p. 98). Observemos a figura a seguir.

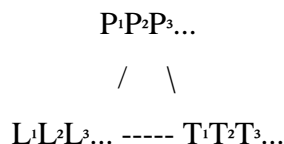


Figura 02. Representação do ecossistema linguístico em sua amplitude. T e P relacionam-se diretamente. L pressupõe P. L só se relaciona a T via P.

L é “*o modo como os membros de P interagem entre si no território em que convivem*” (ibidem, p. 97, grifos meus), portanto, não pode ser considerada uma coisa nem ser refém de definições gramaticais ou de considerações que a reificam por considerarem-na “meio de comunicação” ou “forma pela qual se comunica”. Esse pensamento está intimamente ligado à série de relações que se estabelecem entre falante-ouvinte, signo-referente e mensagem-sistema. Em outras palavras, L é um “sistema de subsistemas parcialmente dependentes e independentes” que forma um elo entre a diversidade de falantes e a diversidade de códigos pelos quais tais falantes se comunicam individualmente ou em grupos (MAKKAI, 1993, p. 71).

Dito isso, a Linguística Ecológica encara alternâncias de estilo, pausas, tempo de fala, entonação, ação e tom como componentes naturais ao fluxo interacional. Por outro lado, a percepção dos elementos paralinguísticos e proxêmicos para Sociolinguística Interacional não os coloca como faces de uma mesma ação interacional, mas, essencialmente, como categorias complementares à construção do significado por meio da interação entre os atores sociais. Gumperz (1998, p. 98) insere os elementos paralinguísticos na categoria de “pistas conceituais”.

As pistas seriam formadas por subsistemas de sinais culturalmente reconhecidos que os atores sociais utilizam para sinalizar suas intenções comunicativas e/ou inferir intenções convencionais dos outros interagentes (GUMPERZ, 1998, p. 98). Elas se dividem em pistas linguísticas (o que abarca a alternância de código, dialeto ou estilo), pistas

paralinguísticas (pausas e hesitações), pistas prosódicas (entonação, acento e tom) e pistas não vocais (direcionamento do olhar, distância, postura e gestos).

Cada uma dessas estratégias contextuais pode ser estudada individualmente, a depender de sua frequência e relevância na amostra determinada de dados. Sua fluidez na interação é garantida pelo processamento mútuo de sentidos. É importante ressaltar, no entanto, que esses sentidos não são escancarados como as palavras; antes, estão implícitos e intimamente ligados a um contexto (PEREIRA, 2009, p. 37).

Junto às pistas ainda se tem as estratégias de polidez dos interagentes, entendidas como “aspectos do discurso que são regidos por regras cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 77). Em outras palavras, todo ator social possui uma imagem pública cuja reafirmação, negativa ou positiva, depende da maneira como seu comportamento verbal e não verbal precederão a comunicação. Essa imagem, chamada de “face” – noção emprestada de Goffman – precisa ser monitorada a todo instante.

Para Linguística Ecológica, todas essas categorias, tanto as pistas como as estratégias de polidez e a preservação ou ameaça à face devem ser observadas no fluxo interacional. Todas elas, segundo a corrente biológica, ocorreriam no processo de início, condução e término do fluxo interacional. A condução do fluxo costuma receber também o nome de ecologia da comunicação interativa. Couto (2015, p. 50) formulou uma lista de quinze regras interacionais que construiriam um fluxo prototípico:

- 1) F e O ficam próximos um do outro; a distância varia de uma cultura para outra ou conforme as circunstâncias.
- 2) F e O ficam de frente um para o outro.
- 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos.
- 4) F deve falar em um tom de voz mediano: alto demais será agressivo; baixo demais, inaudível.
- 5) a uma solicitação deve corresponder uma satisfação.
- 6) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza.
- 7) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação (*por favor, oi etc.*).
- 8) a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve.
- 9) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc.
- 10) F e O devem manter-se atentos, "ligados" durante a interação, sem distrações, olhares para os lados.
- 11) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”.
- 12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso.

ECO-REBEL

13) adaptação mútua: F deve expressar-se como acha que O entenderá e O interpretará o que F disse como acha que é o que ele quis dizer.

14) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (*tá bom, tá, é isso* etc.).

15) Regras sistêmicas (inclui toda a 'gramática').

Observa-se que os preceitos interacionais da Sociolinguística parecem diluídos em meio às regras interacionais da Ecolinguística brasileira. É importante frisar que são essas as chamadas regras gerais. As regras interacionais do fluxo podem ser gerais ou específicas. As apresentadas são, naturalmente, aquelas que têm validade para todo o domínio da língua. Já as específicas têm validade só para o fluxo específico observado ou para a comunidade de fala em que se dá (COUTO, 2013).

Para a Linguística Ecolinguística, o fluxo interacional está fundamentado em solicitações. Uma vez que o falante é egocêntrico, isto é, se comunica a partir de suas próprias perspectivas, o ouvinte sempre se deparará com enunciados que exigem sua participação e construção no fluxo, como (i) exclamações; (ii) ordens e (iii) perguntas (COUTO, 2007, p. 46). Sua continuidade se dará diante da satisfação ou frente ao que está sendo solicitado.

Já para a Sociolinguística Interacional, a compreensão da construção do fluxo e do porquê da construção de sentidos está, definitivamente, ligada ao estudo do contexto. O contexto é responsável por justificar a produção de sentidos e gerar comportamentos. Há um contexto ao redor dos interagentes que está ligado a práticas e construções (KNAPP; HALL, 1979). Seja ele observado de modo macro ou micro, estará permeado por traços históricos e individuais que dialogarão na construção de sentidos provenientes dos significados trocados durante os turnos de fala.

Por isso, houve uma tentativa de listar as regras interacionais do fluxo interacional de modo pouco mais sintetizado, tópico, de maneira que se conseguisse pensar sua aplicação em contextos mais gerais. É o que propõe o quadro abaixo (SCHMALTZ NETO, 2015):

1. Proximidade	6. Tonalidade	11. Interesse
2. Visibilidade	7. Política	12. Bom senso
3. Foco	8. Tolerância	13. Discernimento
4. Altura	9. Percepção	14. Cordialidade
5. Responsividade	10. Atenção	15. Consciência linguística

Tabela 1. Síntese das regras interacionais de Couto (2007; 2013; 2015).

É provável que pudéssemos substituir algumas das regras por “postulados de Grice”, tolerância, bom senso e cordialidade por “polidez”, altura, responsividade, tonalidade e atenção por “pistas conceituais”. No entanto, o objetivo de Couto (2007) com a estrutura de seu fluxo é, justamente, perceber os conceitos de maneira pouco mais estanque do envolvimento total, propiciando uma reflexão que, em tese, está mais direcionada para os detalhes que caracterizam a interação.

Uma noção conceitual que escapa à Ecolinguística é o estudo de *frame* e *footing*. Também traduzido como enquadre e alinhamento, os interagentes interpretam o sentido da mensagem, atentando para o enquadre em que ela está sendo enunciada. Enquadrar é uma forma de interpretar o significado que vai além do significado literal. Para Goffman (1998), não há atividade fora de um enquadre, uma vez que antes de entender qualquer interação, é preciso compreender “o que está acontecendo”.

Os enquadres emergem de interações verbais e não verbais e são por elas constituídos. Dessa forma, os interagentes reenquadram a fala a todo momento, redirecionando a interação em curso (TANNEN; WALLAT, 2002). Já o alinhamento é visto como um desdobramento do enquadre, representando a postura que o interagente assume na relação com o Outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Eles expressam a maneira como a interação em curso está sendo gerenciada, podendo ser introduzidos, negociados e/ou ratificados (GOFFMAN, 1998). A Linguística Ecolinguística não se preocupou ainda com o olhar *frame & footing* sobre o fluxo interacional.

Considerando todas as informações abordadas supra, o que se tenta, no próximo tópico, é analisar uma transcrição com vistas ao viés interacional e ecolinguístico, oscilando entre as categorias de observação teórica através daquilo que os dados permitem evidenciar. Os conceitos não foram abordados de modo que sua complexidade fosse esgotada, mas de maneira que seu resgate durante a aplicação do exemplo se tornasse palatável. O exemplo foi retirado de um conjunto de outros dados que servem à pesquisa de campo no Vale do Amanhecer.

3. Amostra de aplicação em dados

O Vale do Amanhecer é uma comunidade religiosa de orientação sincrética localizada a quarenta e cinco quilômetros do Plano Piloto de Brasília. Fundada em 1964 por Neiva Chaves Zelaya – popularmente conhecida por tia Neiva – a antiga fazenda que se

expandiu e hoje compreende cerca de 22.000 habitantes possui uma escola de ensino fundamental, uma lanchonete e uma oficina automobilística, além de suprir doutrinariamente as mais de sessentas filiais disseminadas pelo globo (MARQUES, 2009, p. 3). Projetado pelos adeptos mediúnicos que se autointitulam *jaguares* e *ninfas*¹ para executar um número ímpar de rituais diário-mensais e atender às pessoas que os procuram para se livrar de espíritos algozes, os espaços físicos do Vale possuem elementos religiosos afro-brasileiros, espíritas, egípcios e extraterrestres. Também se dividem em uma espécie de sistema de castas onde as ninfas podem se filiar a 27 categorias de princesas – como princesas maias, astecas, gregas, de Jurema etc. – e os jaguares podem se tornar magos ou príncipes (GALINKIN, 2008).

Dentro da estrutura religiosa, cada uma das castas e funções tem autonomia para executar determinado tipo de ritual, aconselhamento ou decisão política dentro do Vale. Em uma espécie de desenvolvimento espiritual, cada jaguar ou ninfa conquista dentro de sua vida religiosa autoridade para lidar com os espíritos algozes que acreditam descer em seus cultos através de rezas e rituais simbólicos. Seu crescimento é marcado pela troca de broches, crachás e nomes tupis que enfeitam também suas vestes. Seus membros contam com vestes longas, fitas de cabelo coloridas com estrelas na ponta e sandálias que os marcam como pertencentes à casta escolhida (CAVALCANTE, 2000). O espaço físico do Vale do Amanhecer é gigantesco: conta com um lago artificial chamado Titicaca, cerca de três construções abertas destinadas a convivência e um templo-mãe em formato de labirinto que abriga pouco mais de 26 salas. Além disso, muitos de seus membros construíram suas casas ao redor dos lugares delimitados como sagrados, dando ao bairro uma sensação de total pertencimento à doutrina. Hoje, no entanto, nem todos seguem os ensinamentos de Tia Neiva e por isso é mais certo encontrar príncipes e princesas nos locais específicos.

Desde 2014, estou em contato com o Vale do Amanhecer por meio da metodologia ecolinguística de pesquisa de campo. Nela, a coleta de dados ocorre de maneira informal (ALBUQUERQUE, 2014, p. 76). Os encontros, gravações e entrevistas ocorrem, em sua maioria, de maneira espontânea, já que a comunidade passa a conhecer o pesquisador pela sua atividade constante junto a ela. Pode-se até usar as técnicas usuais de fotografia, filmagem e outras fontes não escritas. No entanto, o processo de catalogação e de minutos em que determinada palavra foi pronunciada não são essenciais à compreensão do

¹ Tais designações são atribuídas, respectivamente, aos homens e mulheres da congregação mística.

ecossistema. A prioridade encontra-se na comunhão. Por isso recebe o nome de *ecolinguistics fieldwork* (NASH, 2011, p. 221).

As transcrições a seguir foram gravadas em abril de 2016, em frente ao Turigano, pátio ovalar central do Vale do Amanhecer, aberto ao público que não é seguidor da doutrina. Nele, os membros descansam ou observam outros iniciando seus rituais matinais. As normas para transcrição foram adaptadas de Fávero, Andrade & Aquino (2005). Para identificar os colaboradores, seguimos a legenda: Colaborador 01 (L1), Colaborador 02 (L2) e Colaboradora 03 (L3). Eles são, respectivamente, dois príncipes maias e uma ninfa lua.

O pesquisador estava ao lado de L2 e L3 sentados nas muretas de cimento em frente ao Turigano até que L1 chegou e iniciou um fluxo interacional com eles. É importante frisar que nesta transcrição não se acha fala do pesquisador porque os membros do Vale ignoram não membros quando se trata de *frames* específicos do Vale. Por outro lado, estão habituados à figura do pesquisador como outro visitante qualquer.

L1. Salve Deus

[
L2. Salve Deus

. [
L3. Salve Deus

L1. Rapaz ((olhando para L2)) bo:ra de iporá amanhã? ((fixa em L3))

L2. Vamo sim

L1. To em sintonia

[
L2. o M. que não tá

L3. ((risos)) diz que é MAgo ainda

L1. Rapaz ((olha para L2)) se for ele de novo eu não vou não::

[
L2. ((olha para o lado)) vo de jeito nenhum

L3. Só se for pra ficar parada lá:: olhando

Para se iniciar o fluxo interacional, observa-se com louvor a execução das seis primeiras regras interacionais. L1 precisou se aproximar de L2 e L3 que estavam conversando sobre trabalhos domésticos. Ainda que tenham se visto de certa distância, precisaram estar de frente um para o outro. Dessa forma, L2 e L3 permaneceram sentados na mureta de cimento do Turigano. L1 poderia se sentar também ao lado de qualquer um deles, mas preferiu permanecer de pé. Do lado esquerdo, aliás, havia um feixe de sol intenso. Isso

faria com que L1 ficasse pouco mais distante de L2. Considerando que L1 não tem intimidade com o pesquisador, sua escolha por ficar de pé pode nos revelar também a pouca intimidade com L3. Todos se entreolharam.

A primeira solicitação feita para se iniciar turnos de fala no Vale do Amanhecer entre membros é “salve Deus!”, cumprimento inclusive escrito com pedras brancas em um dos montes que se localizam dentro do bairro. Nota-se que, nas demais interações, nada se diz além do cumprimento padrão. Não se tem registro de “salve Deus, como você está?”, por exemplo. O cumprimento é feito ainda seguido de uma leve inclinação da cabeça para baixo, uma pista contextual cinésica quase imperceptível. Não se trata de reclinar a cabeça aos modos da cultura japonesa, mas solicitar um tipo de confirmação que costuma vir seguido de um sorriso fechado, lábios não abertos.

Como L1 iniciou o fluxo interacional, coube a ele determinar o assunto da construção de sentidos seguinte. Interessante notar que o uso do vocativo “rapaz” antes de partir de fato para a interação é frequente em seus turnos. Ao dizer “borá de Iporá”, L1 está em um enquadre específico do Vale do Amanhecer, o que me exclui enquanto pesquisador e não me ratifica para interagir. Iporá se trata de um ritual feito às quintas-feiras à noite para busca de energia. A presença do advérbio de tempo “amanhã” reforça o enquadre; L2 e L3 sabem muito bem do que ele está falando.

O conhecimento prévio se torna uma estratégia para construir o fluxo, mas, apesar disso, o direcionamento do turno é bem específico para L2. “Rapaz”, dito com olhos voltados para L2 não significa um convite estendido a L3, apesar de o turno lhe ser aberto de modo não verbal quando recebe o direcionamento do olhar. Uma vez que L1 se aproxima de todos sem restrições, está seguro de que sua face não está sendo ameaçada. Por outro lado, mantém a polidez ao também olhar para L3, apesar do vocativo masculino “rapaz”. A resposta direta de L2, “vamo sim”, em contrapartida, pode soar carente da regra 11, interesse, mas pode demonstrar segurança em relação a sua face.

Ao responder, “M que não tá” quando L1 afirma estar “em sintonia”, L2 demonstra ainda estar no enquadre do ritual de quinta-feira, mas agora se alinha a um acontecimento outro: M, em seu último ritual, não conseguiu contato com os espíritos. L3, apesar de não ter interagido até então, solta o comentário “ainda diz que é mago”, demonstrando que i) conhece M e por isso está habituada a suas falhas enquanto condutor; ii) estava presente no ritual em que M falhou; ou ainda iii) não conhece M, mas conseguiu se alinhar ao

perceber que “M que não tá [em sintonia] equivale à falha do ritual, o que para ser compreendido precisa ter acontecido em outros rituais ou situações vividas por ela.

A confirmação de i) e ii) se dá quando L3 recupera “só pra ficar parada lá olhando” como um contexto vivenciado. L3, portanto, está no mesmo *frame* que L1 e L2. O advérbio de lugar “lá” nos garante isso. Eles não têm receio de falar sobre M, cuja face dá a impressão de poder ameaçá-los caso estes comentários lhe sejam ditos. Apesar do direcionamento negativo, as pistas contextuais marcadas por risos e voz alta, principalmente na ironia intencional de “MAgo” não levam o pesquisador a crer que a situação de um ritual falho é vista como algo efetivamente ruim, mas como perda de tempo, já que afirmam “vo de jeito nenhum” e “só pra ficar parada lá olhando”.

É interessante notar também que apenas os interagentes L1 e L2 participam de forma igualitária na distribuição dos turnos, sendo L1 responsável por autorizar e alinhar as falas. L3, diante disso, não sai de seu *footing*, não sendo ratificada de maneira direta nem participando do turno porque este lhe foi dirigido. Todos eles são o povo (P) que compõe o território T) do Vale do Amanhecer, mas podem abordar esse tipo de assunto entre si porque estão em um micro-território do Vale em que os turnos não são monitorados nem estão ligados discursivamente a uma obrigação religiosa. A língua (L) utilizada, português brasileiro, tem um vocabulário específico suscitado pelo território. O vocabulário, ainda que não em situação de ritual, é acionado por seus membros, ainda que haja um não membro ao redor.

Depois dos dados transcritos, os colaboradores passaram a comentar trivialidades pessoais do dia anterior e, por isso, o recorte se encerrou no turno de L3, aproximadamente às 09:17 da manhã. Alguns minutos depois, o pesquisador se retirou para se reunir com outros membros do Vale. Logo atrás, L3 também pareceu estar indo embora enquanto L1 e L2 permaneceram sentados na mureta em frente ao Turigano até cerca de 11 horas, quando todos se despediram.

4. Considerações finais

Este estudo possibilitou o início de uma discussão fértil sobre as possíveis interfaces entre os preceitos ecolinguísticos brasileiros e os avançados estudos da Sociolinguística Interacional. Além de terminologias díspares que parecem trabalhar com o mesmo princípio, ambos campos evidenciam que o estudo da linguagem não deve se restringir a uma abordagem estrutural de turnos de fala.

Pelo contrário, precisa verificar, descrever e compreender de que forma as trocas face a face entre falantes – interagentes – resultam em complexas trocas paralinguísticas, proxêmicas, discursivas que estão sujeitas a ser alinhadas, realinhadas, contextualizadas e vistas como uma engrenagem que move o todo no ecossistema da língua. A análise apresentada demonstrou também que, tão importante quanto perceber o enquadre e a polidez, o território precisa ser avaliado enquanto contexto fundamental para produção de sentidos de uma interação que está acontecendo.

É verdade que o recorte feito para apresentar a análise que permite comprovar uma aproximação de teorias não encerra as demais possibilidades de abordagem teórica nem representa a discussão aprofundada que se pode fazer a respeito de ambas, individual e concomitantemente. O objetivo do texto foi pinçar e pincelar os conceitos mais evidentes entre ambos domínios do saber de modo que a descrição de seus aspectos pontuais pudessem se mostrar convincentes quando juntos.

O que se espera é que essas primeiras ideias continuem sendo discutidas para que o estudo da linguagem seja contemplado tanto pelo viés social quanto pelo viés ecológico, que haja uma verdadeira *interface*, como propõe sua definição: dispositivo graças ao qual se efetuam a troca de informações entre sistemas; limite comum entre duas unidades ou sistemas que permite a troca de informações; campo em que interagem disciplinas ou fenômenos diversos.

Referências

- ALBUQUERQUE, D. B. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, 2014.
- BASTARDAS I BOADA, Albert. Biological and linguistic diversity: transdisciplinary explorations for a sociology of languages. *Diversité* VII. 2002.
- CAVALCANTE, C. *Xamanismo no Vale do Amanhecer: o caso Tia Neiva*. São Paulo: AnnaBlume, 2000.
- Couto, H. H. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. Sobre o conceito de comunidade surda. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 193-219, 2005.
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? In: *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 14, n. 1. 2013a.
- _____. A ecologia da interação comunicativa II. In: *Meio Ambiente e Linguagem*. 2013b. <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/08/a-ecologia-da-interacao-comunicativa-ii.html> (acesso: 01/11/2016).
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. de O; AQUINO, Z. G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2005, 5. ed.
- FIGUEROA, E. *Sociolinguistic metatheory*. Oxford: Pergamon, 1994.
- GARNER, M. Ecologia da língua como teoria linguística. In: *ECO-REBEL: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1. n. 1, 2015.

- <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/16525> (acesso: 12/11/2016).
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T; GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 70-97.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: *Syntax and semantics 2: speech arts*. Londres: Elsevier, 1975.
- GUMPERZ, J. *Language and social identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- _____. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B; GARCEZ, P. *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.
- Hymes (Org.). *Directions in sociolinguistics*, 35-71. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1972.
- HAUGEN, E. *The ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- KNAPP, L.; HALL, J. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. Crawfordsville, IN: Thomson Learning, 2002.
- MARQUES, Erich. G. *Os poderes do estado no Vale do Amanhecer: percursos religiosos, práticas espirituais e cura*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2009
- MAKKAI, A. Porque *ecolinguística*. In: *ECO-REBEL: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.1. n. 1. 2015. <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15124> (acesso: 20/10/2016).
- MUFWENE, Salikoko. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mollica, M. C; BRAGA M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- NASH, Joshua. Norfolk Island, South Pacific: An empirical ecolinguistic case study. In: *Journal of the Australasian Universities Language and Literature Association*, 116, p. 83-97, 2011.
- Pereira, R. A. *O pensamento de pistas de contextualização: um olhar voltado para os falantes de espanhol aprendizes de português*. 2009. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2009.
- SCHMALTZ NETO, G. F. Entre o Vale e o Amanhecer: comunidade de fala para ecolinguística. In: KIOKO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica: teoria e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.
- TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T; GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 120-141.
- Tarallo, F. *A pesquisa sociolinguística*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1985.

Enviado: 20/12/2016.

Revisado: 15/01/2017.

Aceito: 16/01/2017.